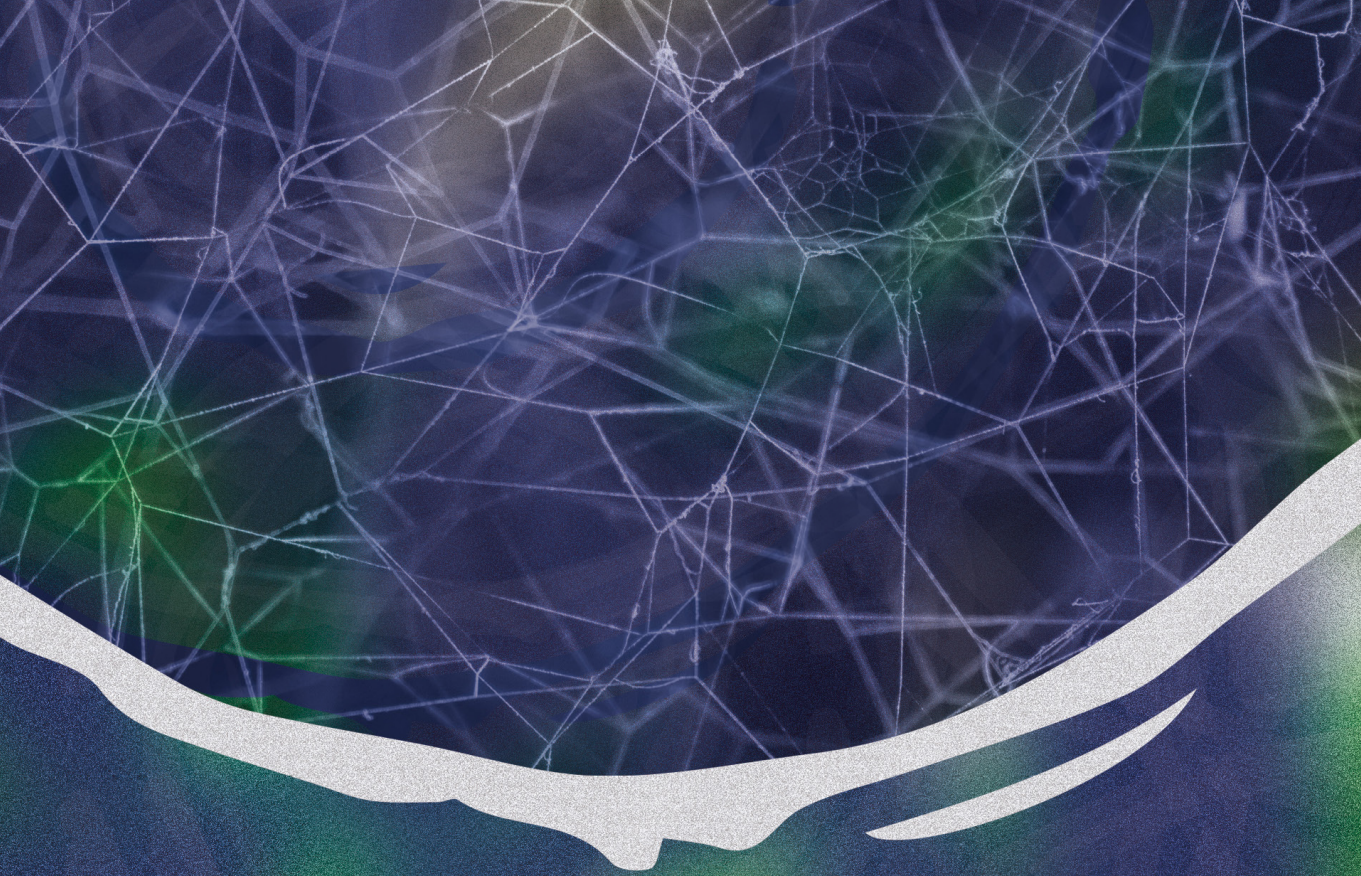


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 4 – Escolas

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil

Nami Dansa Motta

Nos últimos tempos, tenho me sentindo muito sobrecarregada com todas as demandas que “a vida adulta” traz para o meu dia a dia. Trabalhar, cuidar de casa e estudar têm me mantido exausta a maior parte do tempo. Então, em qualquer tempo livre que eu arranjo, tenho buscado momentos para relaxar. Tenho achado conforto num mundo mais leve, mais “infantil”. Por isso, minhas últimas escolhas de leitura para passar o tempo têm sido os quadrinhos do Calvin e Haroldo, produzidos por Bill Watterson. Sim. Eu os escolhi por querer abstrair um pouco dessa mentalidade acadêmica, densa, com excesso de palavras difíceis e conceitos abstratos, mas percebi que a ideia de que o infantil seria menos complexo era um engano, pois, grande foi minha surpresa ao me deparar com o nível de profundidade que essas tirinhas podem ter. A história do menino Calvin, que está sempre acompanhado do seu parceiro, o tigre Haroldo, é extremamente crítica e reflexiva.

Calvin é uma criança que tem muita facilidade em acessar o mundo da imaginação em seu dia a dia. Pode-se dizer que ele vive mais lá do que em qualquer outro lugar. Haroldo é um amigo que o acompanha em todas as aventuras, ao longo de toda a história, em todos os livros. Juntos, eles lutam com monstros, descobrem novas galáxias, aprontam muito e inventam as melhores brincadeiras. Em todas as tirinhas dos dois, Haroldo aparece como um tigre, entretanto, quando aparecem outras pessoas na cena, geralmente adultos, vemos ele sendo retratado como um bichinho de pelúcia. Da mesma forma, os adultos na história parecem nunca compreender o que Calvin quer dizer, não veem graça nas brincadeiras dele e acham que ele é um menino mentiroso.

Esse é um aspecto interessante da narrativa trazida por Bill Watterson e que pode conectar-se à temática desenvolvida por Tim Ingold em seu texto “Levar os outros à sério” (2019), ao mesmo tempo que conversa com as ideias expostas por Clarice Cohn (2013) em seu trabalho sobre as concepções de infância e infâncias.

Vê-se o caso de uma criança certamente diferente das concepções de infância criadas dentro da cultura ocidental. Uma criança que se expressa de formas divergentes daquelas que consideramos aceitáveis, uma criança que se utiliza de um brinquedo para expressar suas ideias mais mirabolantes e que está constantemente questionando a autoridade dos adultos ao seu redor.

A antropóloga Clarice Cohn traz ideias interessantes a respeito do desenvolvimento infantil. A partir de seu olhar a respeito da infância dos indígenas xikrin, ela conclui que "tudo aquilo que se faz para as crianças faz seus corpos, assim como os brinquedos que elas fazem são parte de um todo mais amplo que, constituindo corpos e corporalidades, constitui estas pessoas." (Cohn, 2013, p. 225).

Como essa autora ressalta, devemos evitar a presunção de uma infância universal (Cohn, 2013), sendo assim, não busco aqui aplicar uma observação feita de um contexto a outro completamente diferente. Mas essa reflexão me leva a pensar: e se o tigre de pelúcia for algo essencial para a expressão da corporalidade de Calvin? A importância desse objeto para essa criança pode não ser levada em consideração pelos adultos que a cercam. Talvez, esse seja o motivo pelo qual ele questiona a autoridade dessas figuras na vida dele, afinal, elas não o compreendem.

Da mesma forma, essa questão dialoga com as reflexões de Ingold (2019) sobre levar os outros a sério como regra número um da Antropologia. Na história, Calvin raramente é levado a sério por alguém que não seja o Haroldo. Isso diz muito sobre o olhar que os outros despendem sobre ele, como se suas ações fossem fruto de "malcriação" ou provocação. Entretanto, a amizade entre Calvin e Haroldo é real entre eles, e a imaginação é o veículo pelo qual Calvin traduz suas ideias mais geniais, suas concepções a respeito do mundo e, principalmente, exercita sua enorme criatividade. A respeito disso, vejo pontos de conexão entre a situação aqui abordada e a reflexão de Ingold (2019) sobre o contato entre o chefe ojibwa Berens e o antropólogo Hallowell:

> Nós não vivenciamos nossos sonhos? O mundo dos nossos sonhos é mesmo tão diferente daquele de nossa vida despertos? Para aqueles de nós criados em sociedades nas quais a autoridade científica é suprema, o caminho para a verdade reside em separar o fato da fantasia. Mas não poderia ser de outra forma? E se a verdade residir na comunhão entre a experiência e a imaginação, em um mundo para o qual estamos vivos e que está vivo para nós? (Ingold, 2019, p. 17).

Se Calvin fosse um menino real, em vez de um personagem, estaria na fila para receber o diagnóstico de algum transtorno que lhe daria o rótulo de "criança problemática" e, consequentemente, receberia um tratamento que o "adequasse" melhor à imagem construída de "criança feliz". A verdade é que Calvin vê o mundo de outra forma, usa outros veículos para se comunicar e percebe detalhes que os adultos ao seu redor não valorizam. Inclusive, algumas das tirinhas abordam a dificuldade de Calvin para compreender os conceitos matemáticos. No livro *O ataque dos perturbados monstros de neve mutantes e assassinos* (Watterson, 2010), Calvin tenta resolver uma questão de soma da prova de matemática, seis mais cinco.

Ele desenvolve o raciocínio imaginando dois planetas: seis e cinco, se chocando. Como o planeta cinco era menor, foi reduzido a pó, restando apenas o planeta seis. Então ele responde 6+5= 6.

Esse raciocínio pode ser considerado errado dentro da matemática, mas, se levarmos a sério o que ele desenvolve, vemos sim o sentido. Conseguimos compreender um esforço criativo empenhado em resolver um problema, não da maneira que consideramos aceitável, mas seria equivocado dizermos que ele não pensou sobre a questão.

Como educadora da educação infantil, afirmo que eu mesma já vi alguns "Calvins" pelos corredores da escola, com pais e mães que imploravam desesperados por uma adequação para aquela criança. Da mesma forma, já pude presenciar momentos geniais, de crianças de dois anos desenvolvendo raciocínios extremamente complexos, mas que, aos olhos de muitos outros, não seriam tão incríveis assim. Por exemplo, meu aluninho André foi ao Aqua Rio ano passado, com dois anos de idade e, quando eu o perguntei se os peixes lá eram grandes ou pequenos, ele me respondeu que eram mais ou menos do tamanho de uma panqueca.

Eu achei essa resposta genial pois me levou a vários tipos de reflexões, mas principalmente porque me apresentou uma unidade de medida completamente nova no meu universo, eu aprendi que, para ele, panquecas são um tipo de referencial. E qual seria o problema disso? Temos unidades de medidas muito mais relativas e que são socialmente aceitas como "punhado", "pitada" e "palmos", que deveriam depender do tamanho do corpo que as mede, assim como a panqueca, que vai depender do tamanho da frigideira.

Tive a oportunidade de reencontrar esse mesmo aluno, agora com três anos de idade, e já fui logo o enchendo de perguntas e afirmações misturadas: "como você está?" "Que saudade de você!" "Como está a nova turma?" "Como você está grande!". Ao que ele me respondeu apenas "A minha mochila é da Hot Wheels e ela tem rodinhas". É claro que no momento eu achei muito engraçada a resposta dele, à primeira vista achei que não tinha nenhuma relação alguma com o que eu tinha dito. Só depois foi que entendi o raciocínio que ele tinha percorrido para me responder.

De tudo que eu falei, o que ele absorveu foi o fato de eu ter dito que ele cresceu, e explicar que a mochila dele tinha rodinhas estava diretamente conectado com esse fato. Agora que ele era grande, conseguia levar sua própria mochila, que também cresceu de tamanho. Mesmo que ele seja uma criança, eu sempre o levei muito a sério e, por isso, ele me ensinou a questionar algumas ideias pré-concebidas que eu tinha e me fez raciocinar de formas completamente diferentes. Por isso, concluo aqui a importância de ouvirmos e darmos voz não só às crianças, mas a todos aqueles que nós desvalorizamos ou diminuímos por não levarmos a sério. Essas foram reflexões muito importantes para o meu desenvolvimento, e espero ter cumprido bem a tarefa de escrever este ensaio.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO